

	Estado de Mato Grosso Assembleia Legislativa
Despacho	NP: b9vnikfm SECRETARIA DE SERVIÇOS LEGISLATIVOS 04/04/2017 Moção de pesar nº 369/2017 Protocolo nº 1170/2017
Autor: Dep. Guilherme Maluf	

Com fulcro no Art. 185-A, do Regimento Interno desta Casa de Leis, requeiro à Mesa Diretora, ouvido o Soberano Plenário, que registre nos anais "**MOÇÃO DE PESAR**", aos familiares e amigos do Senhor **Jacildo Melquiades de Jesus**, nos seguintes termos:

“**A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO**, por seus membros, mediante requerimento do Deputado Guilherme Maluf, expressa seu mais profundo **PESAR** aos familiares e amigos do Senhor **Jacildo Melquiades de Jesus**”.

Plenário das Deliberações “Deputado Renê Barbour” em 04 de Abril de 2017

Guilherme Maluf
Deputado Estadual

JUSTIFICATIVA

Foi com grande tristeza que recebemos a notícia do falecimento do Senhor **Jacildo Melquiades de Jesus**, causando imensa tristeza e dor aos familiares, amigos, bem como a todos que tiveram a oportunidade de com ele conviver.

Jacildo foi precursor do Rock em Mato Grosso, como conta o pesquisador Dewis Caldas, em seu sítio eletrônico “Rock Cuiabá 50 Anos”:

Imagine a Cuiabá dos anos 60. Com pouco mais de 57 mil pessoas, viu sua população quase dobrar com a vinda de emigrantes incentivados pelo Governo Federal a ocupar a Região Amazônica. Assim, a capital mato-grossense foi ganhando um novo aspecto urbano, mais com cara de cidade grande. De norte a sul, a cidade crescia e continuava a receber mais gente de fora. As festas eram comandadas pelas bandas de baile, que tocavam desde blues e o jazz até os rasqueados mais antigos.

Alguns clubes como o Dom Bosco e o Feminino eram os mais frequentados, em sua maioria pela elite. Quem não era de família conhecida ou que não tinha certa posição social comprovada, não entrava. Bandas como The Crows, Os Intrusos, Los Bambinos e New Time eram as mais quentes do pedaço e se apresentavam com certa regularidade no clube Náutico (no outro lado do rio, em Várzea Grande), no Bar internacional e no Clube Sayonara, que foi inspiração para um documentário feito por alunos da UFMT, em 2008. Em tudo quanto era lugar tinha festa, até no Curral de Bode no Clube Mixto, e na zona do Tabaris. Ali, no bairro da Lixeira, a festa era até amanhecer na casa da Carminha. A galera fervia nas músicas dançantes e a onda le, ié, ie espalhava-se pelo Brasil, mas o rock enquanto gênero musical ainda era uma novidade distante e uma banda com postura e atitude rock and roll ainda não tinha aparecido pelas bandas do cerrado.

E quando chegou, chegou impactando. Jacildo de Jesus, o líder do grupo, estava longe de ser um cara comum. Topetão, roupas de couro, bota grossa e aquela postura bad boy fazia dele uma novidade entre os músicos locais. Era casado, mas tinha várias namoradas. Na velha camionete fubica, apelidada pelo saxofonista Bolinha de “Anastácia”, corria de um lado para outro da capital e por algumas cidades do interior carregando instrumentos, caixas de som e a sua equipe de comparsas. Era só dizer o local do show que os músicos chegavam em grande estilo. “Imagine o espanto da cuiabanada, que naturalmente nunca havia visto algo semelhante... rapazes com jaquetas de couro, tocando guitarras a todo volume, distorcido e de forma dançante”, explica o pesquisador musical Guapo, que conheceu o grupo em atividade.

Extrovertidos e sorridentes, a banda usava uniformes coloridos, faziam movimentos coreografados durante os solos e tocavam blues, rock, samba, bossa nova, jovem guarda. “O Jacildo tinha um magnetismo”, lembra Bolinha. “Na hora do show, ele jogava a perna pra cima, pra baixo, mandava beijo para as garotas, botava a guitarra no pescoço, fazia solos que eu nunca tinha visto antes. Tocávamos de 10h da noite até às 5h da manhã, no Cine Tropical, Clube Feminino, e para ele, tudo era sempre uma festa”, completa. Além de pioneiro no rock na cidade, Jacildo era uma dos músicos permanentes na Rádio Voz do Oeste, sendo guitarrista fixo que acompanhava, ao vivo, os calouros que se inscreviam nos concursos de talento promovidos pela emissora.

Essa experiência em tocar outros gêneros deu um “tchan” na sonoridade do único disco da banda, Lenha – Brasa e Bronca, lançado em 1966. Mesmo sendo um disco de rock and roll, cheio de baladas jovem guarda estilo Paul Anka e pitadas dos blues acelerado dos anos 50, duas músicas fogem da regra: a instrumental Musicomania tem um violão base bossanovista que se mistura aos licks e timbre roqueiro da guitarra. E como se não bastasse, a música Cantada, a última do disco, é um bolero quase samba-canção cheio de swing e amor de menininha. O clímax do Lp acontece mesmo na versão instrumental de Day Tripper, do Beatles, que provava de uma vez por todas que Cuiabá finalmente estava conectada com a nova música que se espalhava pelo mundo: o rock and roll.

Uma pessoa de bem, que não media esforços em ajudar o próximo, verdadeiro amigo de todos os que tiveram o prazer e o privilégio de conhecê-lo, nos deixa com um sentimento irreparável de perda. Foi o

reflexo da família, deixando-nos o modelo de vida a seguir e um exemplo a imitar como cidadão.

Nesse sentido, para que o objetivo pretendido possa ser alcançado, submeto esta proposição legislativa à qualificada apreciação de meus Nobres Pares, aos quais solicito, nesta oportunidade, o devido apoio para acolhida e merecida aprovação.

Plenário das Deliberações “Deputado Renê Barbour” em 04 de Abril de 2017

Guilherme Maluf
Deputado Estadual